

PESQUISA E EPISTEMOLOGIA NA PERSPECTIVA ALQUÍMICO - SIMBÓLICA

Boechat, W., Brizolla, R., Salik, A., Etcheverry, G., Sanchez, M.L., Roberto, G., Toledo, R.,¹

¹ Departamento de Epistemologia da Associação Junguiana do Brasil

“Confirmei na ciência o que suspeitava como poeta: a certeza de um parentesco perdido com o mundo natural, seja ele tido como vivo ou inorgânico. Não imaginamos, nós seres humanos, o quanto somos feitos de material não humano...Sou biólogo e ecologista. O que me fascina é a fronteira entre a descoberta científica e a margem do mistério que sempre subsiste”.

Mia Couto (2017)

Dentro desta perspectiva encontramos-nos com Jung já em sua marcante e definidora obra de um novo paradigma científico, Jung, médico, filólogo, estudioso das artes, das religiões, da mitologia, da literatura. Possuidor de uma cultura enciclopédica e principalmente, para nós, grande analista!

Jung (1986), nas últimas linhas de Símbolos da Transformação, no Epílogo:

“O maior estímulo para um incessante trabalho de pesquisa me veio da terapia e consistiu na pergunta pungente: Como você pode tratar de alguma coisa que você não entende? Sonhos, visões, fantasias e manias são expressões designações. Se eu não compreendo os sonhos, não compreendo a situação do paciente, de que serve então meu tratamento? Nunca procurei justificar minhas teorias através do paciente, pois me parecia mais importante compreender a situação do doente em todos seus aspectos, entre os quais naturalmente está a compensação. Miss Miller foi um destes casos. Tentei compreender sua situação da melhor forma possível, e apresentei neste estudo os resultados de meus esforços como um exemplo para o tipo e a extensão da problemática que o médico que quer exercer a psicoterapia deve conhecer. Ele precisa de uma ciência da alma, não de uma teoria sobre ela. Considero o exercício da ciência não como uma disputa sobre quem está com a razão, mas como um trabalho que visa aumentar e aprofundar o reconhecimento. Aqueles que assim pensam sobre ciência destina-se este trabalho.”(Jung, vol.V, p.685)

Colocamos em questão nosso método e nossa “forma” de fazer ciência neste momento em que o paradigma alquímico/simbólico se expressa em toda sua profundidade trazido pelas discussões de tantos pensadores da Psicologia Analítica, que partiram destas propostas primeiras de Jung. Para a

compreensão de nossa tarefa como analistas, numa tentativa de partir deste todo maior citado por Mia Couto e, mesmo por Jung, e estabelecer nosso foco para a arte e o ofício de nos aproximarmos do pressuposto de que “o analista é o leitor da frase do paciente. O processo de análise acontece num espaço exíguo e circunscrito, e que, num tempo longo, (pelo menos ainda neste momento), o analista contribui para que o paciente entre em contato com seu eu profundo, graças à calibragem contínua das respectivas psiques. É como se fosse necessário aferir a ponta do lápis para que a escrita no campo nos permitisse desenhar diferentes imagens que nos levassem em direção a novos conhecimentos. Conhecimentos que se expressam a partir de pequenas observações que vão se associando e se acoplando a um todo maior, num caminho de amplificação, baseadas em vários processos alquímicos, capitaneados pela imaginatio, tendo como auxiliares duas funções psíquicas: a intuição e o sentimento.

Barbara McClintock (2017), prêmio Nobel de Medicina em 1983, afirma que a intuição e a empatia desempenham importantes papéis no processo de descoberta científica, reconhecendo que não se pode chegar ao conhecimento científico apenas através de métodos racionais, lineares e quantitativos. Jung (1987) já trata o tema no cap 8 da psicologia da transferência: apurificação, quando propõe que se jogue fora os livros para que possamos entrar em contato com o sentimento e a intuição como formas de conhecimento:

"...o sentimento confere aquilo que foi entendido um valor de compromisso" e a seguir fala sobre a antecipação da lápis trazida pela "atividade imaginativa da quarta função, a intuição ou pressentimento, sem a qual nenhuma realização é completa". (Jung, vol. XVI/2, p.487)

Quando pensamos numa epistemologia junguiana, buscamos responder não só como conhecemos, mas, perscrutando de que modo, por quais caminhos. O observador estabelece as relações entre a abertura dos processos ditos objetivos com a construção intersubjetiva do conhecimento. Deste modo podemos correlacionar com o conceito de observação participante da Antropologia em que sujeito e objeto sobrevivem graças a um processo dialético, contínuo.

O conceito de acaso é fundamental dentro deste paradigma. O conceito original de serendipismo foi muito usado em sua origem. A palavra Serendipismo se origina da palavra inglesa Serendipity, criada pelo escritor britânico Horace Walpole em 1754, que é a busca Serendiptismo ou ainda Serendipitia, é um anglicismo que se refere às descobertas afortunadas feitas, aparentemente, por acaso. A história da ciência está repleta de casos que podem ser classificados como serendipismo.

Bachelard (1971) ,parte do princípio que conhecemos CONTRA um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal feitos, ultrapassando aquilo que no próprio espírito, constitui um obstáculo à espiritualização. Conhecer como um processo de individuação, um opus contra naturam. Conhecer do ponto de vista científico é saber formular problemas do modo mais claro possível. Todo conhecimento é uma resposta a uma questão. Mas, muitas vezes, o espírito gosta mais daquilo que confirma o seu saber do que daquilo que o contradiz, prefere respostas às perguntas. Mas o espírito científico tem de se formar contra a natureza, contra aquilo que, em nós e fora de nós, é o impulso e a instrução da Natureza, contra o entusiasmo natural, contra o facto colorido e variado. O espírito científico tem de se formar deformando-se. Perante a Natureza ele não pode instruir-se senão purificando as substâncias naturais e, ordenando os fenômenos misturados.

Entretanto o conceito de purificar substâncias, de sair da entropia, terá, como se segue, diferentes estratégias para acontecer: aqui a marca que difere a Ciência da Alquimia. A Ciência da Alma, as Ciências Sociais requerem uma forma de pensar muito peculiar A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata de tanto de sobreviver como de saber viver.

Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao todo. Do ponto de vista junguiano e alquímico, podemos dizer que esse processo de conhecimento é, de um lado, um processo de formação e construção, onde o ego via ampliando e se instrumentalizando, mas, de outro lado, é um processo de desconstrução, onde aquela realidade que sempre existiu, a psique objetiva, na dimensão do Self, vai emergindo a medida que as ilusões do ego vão sendo superadas por essas

ditas construções. Temos aí um processo parecido com o aspecto dual do arquétipo.

Devemos considerar o acaso como um fator objetivo na natureza. O que está atrás desse jogo de probabilidade e acaso é a consciência ou mente e está ligado ao que se chama condição limítrofe e está ligado a totalidade da situação psicológica interior. Também na clínica busca-se acolher o que é singular e único, sendo o trabalho da análise uma hermenêutica que envolve os aspectos subjetivos e totalidade tanto do analista como do paciente.

Partindo da Hermenêutica, como “arte de compreensão”, temos como primeiro aspecto, na hermenêutica de Heidegger a ideia que o pensar é "fazer-falar" (Bee, 2004). Refletir em alguma coisa significa devolver-lhe a dignidade. O segundo aspecto do pensar é que ele é participação, empenhada em partilhar com outros a situação - aberta para a palavra. A metodologia hermenêutica nos oferece uma epifania, uma "compreensão vital" onde as forma de cultura, no curso da história, devem ser apreendidas através da experiência íntima de um sujeito e toda filosofia é uma "filosofia de vida". Atualmente, ela oferece uma reflexão interpretativa ou compreensiva sem cair no literalismo concretista da matéria ou das ciências positivistas. É dentro disso que podemos buscar uma perspectiva dita científica. Não existe enquanto um método universal, mas somente como uma pluralidade de hermenêutica.

Do ponto de vista histórico, a epistemologia Junguiana está relacionada à transição paradigmática que marcou seu desenvolvimento. Os trabalhos iniciais de Jung com o teste de associação de palavras é marcadamente inserido no paradigma moderno ou cartesiano. Jung chega à descoberta dos complexos afetivos com diversos instrumentos de medição, como é sabido: o cronômetro em 1/5s de segundo, o voltímetro para medida do chamado reflexo psicogalvânico, o pneumógrafo, que mede a intensidade de gás carbônico expirado. Em todo o teste, a presença da medida é fundamental, é como se Jung tivesse conseguido medir o complexo, ou medir o inconsciente. Como lembra Boaventura de Sousa Santos (2001): “na ciência moderna...conhecer significa quantificar”. A medida é a essência da modernidade.

Jung estava, portanto se movendo nessa fase de sua produção científica dentro do paradigma vigente da modernidade. Começa por um experimento de

laboratório. Jung mede o complexo, a abordagem é moderna, entretanto fala do inconsciente, um conteúdo não mensurável e não passível de repetição em laboratório, portanto não científico, dentro das categorias de ciência que a modernidade tradicional apregoava.

Enquanto Jung desenvolvia seus trabalhos revolucionários sobre os complexos inconscientes, o novo paradigma emergente tomava seus contornos na Europa. Sousa Santos (1987) descreve a emergência do novo paradigma em inícios do século XX como constituído de quatro rombos ao paradigma newtoniano tradicional: a teoria da relatividade de Einstein, a mecânica quântica de Bohr e Heisenberg, o teorema da incompletude de Gödel, a teoria das estruturas dissipativas de Ilya Prigogine. O psicanalista argentino Carlos Plastino (Santos, 2011), professor da UERJ, propôs a Boaventura um quinto rombo ao paradigma da modernidade: a descoberta do inconsciente por Freud.

Realmente, a aplicação do referencial do inconsciente ao estudo da personalidade pelas disciplinas da psicologia profunda fundadas por Freud e Jung são um rombo aos referenciais cartesianos, já que o inconsciente não obedece às normas de medida, repetitividade prognóstico que caracterizam o que se convencionou chamar de ciência pela academia tradicional. Tanto Freud quanto Jung se esforçaram para atribuir às disciplinas criadas por eles o status de ciência, mas na verdade não são ciência estritamente falando, mas saberes do novo paradigma emergente.

Enquanto escrevia o chamado Livro Negro 2, que seria um texto preparatório para seu famoso Livro Vermelho, Jung (2010) ouviu internamente uma voz de mulher que dizia: “o que você faz não é ciência, é arte.” Jung relata ter ficado irritado com essa afirmação, reagiu fortemente a ela, e retrucou internamente: “não, o que faço é natureza.” (Jung, 2006:221) Jung (2010) comenta que essa voz interna de mulher levou-o a definir a função anima na psicologia masculina. Mas é importante salientar que nesse momento Jung estava começando a escrever o Livro Vermelho, momento de mudança radical em sua produção teórica. O que passaria a fazer não era realmente ciência, mas um novo saber cujos referenciais só poderiam se inserir no novo paradigma alquímico. A anima sempre sabe mais que o ego.

A partir do Livro Vermelho a obra de Jung entra em outro referencial paradigmático. Ela se torna eminentemente personificada, os processos imaginativos ocupam um papel central, mormente o processo de imaginação ativa. Quando confrontando personagens de sua cosmologia interior esses adquirem um status de realidade objetiva. Consideramos esse processo uma revolução paradigmática. Mais tarde em sua obra teórica Jung iria fazer jus ao status de realidade da alma de seu mundo interior, sugerindo a mudança do nome inconsciente coletivo para psique objetiva. Isto é, a psique e seus personagens têm uma realidade objetiva.

Como propõe Salant (1998), a imaginação de uma pessoa pode ser transmitida a outra pessoa se ambos estiverem ativamente ligados. A imaginação como processo de conhecimento teve seu auge na Renascença e como exemplo poderemos citar o Rosarium Philosophorum e Splendor Solis. A extinção do pensamento alquímico foi primeiramente causada pela necessidade de uma abordagem menos imaginativa e mais conceitualmente racional do mundo.

Henry Corbin (1964) filósofo, teólogo e professor de Estudos Islâmicos da Universidade de Sorbonne em Paris tem um artigo seminal de fundamental importância chamado *Mundus Imaginalis*, o imaginário e o imaginal de 1964. Segundo o autor, a imaginação é como um órgão que permite a penetração no mundus imaginalis. Assim, não são os sentidos nem as faculdades do organismo físico, nem é o intelecto puro, mas é aquele poder intermediário, cuja função aparece como a mediadora preeminente: a imaginação ativa. A imaginação permite a transmutação de estados espirituais interiores em estados exteriores, em acontecimentos-visões, simbolizados por aqueles estados internos.

Essa segunda fase da obra de Jung demonstra seu pioneirismo dentro do novo paradigma emergente por diversos aspectos. Em primeiro lugar, além da medida como essencial, a modernidade também se assenta na redução da complexidade. Conhecer significa dividir e classificar. Esse princípio já aparece no Discurso sobre o Método, de Descartes. Jung ao se opor ao *reductio ad primam* figuram da psicanálise, estava se opondo também ao método científico tradicional do século XIX. E sua proposta de uma abordagem pela

complexidade, situa seu pensamento como muito atual e pertinente às novas correntes em ciência dentro da crise de paradigma.

Em segundo lugar a ciência contemporânea vem relativizando a causa eficiente como única possível e a causa final, a finalidade vem ganhando terreno. Voltando à teoria da causação de Aristóteles, o filósofo dá quatro mecanismos de causação, a causa eficiente, causa efficiens, sendo apenas um dos tipos possíveis. Os outros três tipos são: a causa material, a causa formal e a causa final. A causa eficiente busca a explicação do objeto em suas origens: o filho existe por causa dos seus pais. A causa material se refere à substância responsável por um fenômeno; a faca corta a carne devido à sua lâmina afiada. A causa formal se refere à forma de um objeto como causador de um fenômeno; as cordas mais curtas da lira produzem sons agudos, as cordas mais longas os sons graves. No paradigma da complexidade a causa final adquire um status importante, que não tinha no método científico moderno. Na causa final, um fenômeno ocorre tendo em vista uma finalidade. Dentro da teoria da evolução, por exemplo, um pato ganha nadadeiras em suas patas não apenas pela competição e seleção natural-causa eficiente e causa formal, mas também para que ele nade melhor na água, há uma finalidade nessa mutação filogenética. Jung, de forma pioneira, também dá à finalidade um status privilegiado desde seus trabalhos iniciais com sonhos, quando, influenciado por Maeder, percebe nos sonhos uma função teleológica finalística. E o conceito de finalidade passa a ocupar papel central em seu pensamento, estando presente não só na teoria dos sonhos, mas na explicação das neuroses e do processo de individuação. “A verdade é que, sob a égide da biologia e também da microfísica, o causalismo, enquanto categoria de inteligibilidade do real, tem vindo a perder terreno em favor do finalismo.” (Sousa Santos, 2001:32)

Em terceiro lugar, há no pensamento junguiano tardio a formulação de uma epistemologia na qual uma unidade psique-mundo é desenvolvida. A essa unicidade essencial Jung (1939) deu o nome alquímico de unus mundus. As obras tardias de Jung têm a marca de seus estudos alquímicos e nesses trabalhos Jung se interessou pelo antigo problema dos limites do corpo-mente e de forma mais geral, da psique-matéria. A formulação definitiva do modelo de arquétipo iria aparecer em sua obra Considerações teóricas sobre a natureza

do psíquico na qual é formulado o modelo do espectro luminoso para a manifestação arquetípica. A luz visível seria equivalente às manifestações imagéticas do arquétipo, a camada ultravioleta ao aspecto espiritual, o infravermelho ao instinto. Há um continuum psique-matéria nas manifestações arquetípicas, todo o arquétipo é psicóide, isto é, o arquétipo e uma entidade quase-psíquica e quase-material, ocupando esse intervalo psicóide entre psique e matéria.

Essa perspectiva de visão da realidade única para psique e matéria, como um *unus mundus*, torna a epistemologia junguiana essencialmente dentro do novo paradigma emergente. Segundo o modelo de realidade contemporâneo nunca se pode observar a realidade em si, mas somente as alterações que o observador introduz na realidade. Heisenberg (apud Safranski, 2000) falou disso em seu princípio da incerteza, segundo o qual nunca se pode medir a posição de uma partícula e seu movimento ao mesmo tempo. Quanto mais uma medida é acurada, mais a outra se tornará imprecisa. Isso devido à interferência do observador no experimento científico, aparentemente separado. O antigo método científico cartesiano fica sem sentido aqui, pois exige uma objetividade científica impossível.

Em quarto lugar, o conceito de sincronicidade desenvolvido por Jung e o físico quântico Wolfgang Pauli em 1951 tem importantes inserções na complexidade. Os conhecidos fenômenos não-locais estudados pela mecânica quântica são muito semelhantes ao fenômeno de sincronicidade. “Tal como na sincronicidade, as interações não-locais são instantâneas e não podem ser previstas em termos matemáticos precisos.” (Capra, apud Sousa Santos, 2010, op. cit.: 39)

Deste modo podemos sintetizar destacando a passagem dos métodos quantitativos causais para o método qualitativo / compreensivo que é a hermenêutica. Dessa hermenêutica se desdobra um processo metodológico de contar histórias. Hillman (2011), refere que as histórias são casos individuais girando em torno de um tema, e que tema é esse? Para ele é o caleum da alquimia, abertas para uma percepção mais renovada. Do ponto de vista alquímico ele sintetiza esse trabalho através de 1) Um método de amplificação: construir o poder de um tema amplificando seu volume com semelhanças, paralelos e analogias; 2) Um método empírico, porque começa e

permanece como experiências reais; 3) fenomenológico: deixa o evento falar por si mesmo.

É neste e em tantos outros sentidos que, novamente, tomamos emprestadas as palavras de Salant (1998) quando afirma que os estudos alquímicos de Jung vem expressar de forma mais contundente a presença deste novo paradigma. Na alquimia há uma identificação peculiar entre o alquimista e o material com o qual ele trabalha, de tal modo que as transformações pessoais e materiais são entrelaçadas, produzindo mudanças de personalidade no artesão que de algum modo efetuam mudanças na matéria com a qual ele está trabalhando.

Clarke (apud Penna, 2013) diz que Jung é um pensador de problemas, que se caracteriza pelo interesse em experimentar ideias e em explorar diferentes caminhos, o ponto inicial são problemas práticos apresentados pela prática clínica, dessa maneira chegou a desenvolver um modo de conhecer e compreender psicologicamente o ser humano, como afirma Penna (2013), e como nas palavras do próprio Jung em Símbolos da Transformação, já citado acima.

O PENSAMENTO COMPLEXO e o COMPLEXO PERTUBADOR DO PENSAMENTO

O ser e o saber são inseparáveis e complexos. A partir dessa premissa se conclui que só um pensamento complexo amplia o saber e a compreensão do ser. Se o pensamento for fragmentado ou mutilado tornará o conhecimento tanto de um como de outro, simplista e simplificador. O termo complexo é utilizado por Edgar Morin (1995), no sentido da Cibernética e da Teoria dos Sistemas que utilizam o conceito de “Complexidade” como uma qualidade. Esta qualidade se remete a origem latina do termo que vem a ser: “o que abrange muitos elementos ou várias partes”, onde complexus é tudo aquilo “que foi tecido junto” e assim torna-se interdependente e inseparável. Nas palavras do autor “a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade”. Nas palavras de Jung (1984), os complexos podem ter-nos, e por isto mesmo implica num estado perturbado de consciência, é a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disto, incompatível com as disposições ou atitude habitual

da consciência. O alerta que Morin (1995) traz é para o fato de ainda ser vigente um paradigma da disjunção, onde cada especialidade ou disciplina se encontra cada vez mais fechada em si mesma e com isso iludida e cega para as incertezas e os acasos inerentes a todos os fenômenos da vida. Não será a disjunção inerente à psique complexa? A chamada identificação com o complexo revela o quão perturbadores eles são à psique total. Propõe um paradigma da conjunção que congregue a contradição dos opostos e trabalhe não mais com um pensamento linear e sim, espiral. O conhecimento de partes isoladas e fragmentadas é nocivo e insuficiente. Ele declara:

“À complexidade integra os modos simplificadores do pensar e consequentemente nega os resultados mutiladores, unidimensionais e reducionistas.” (Morin, 1995).

Entretanto em muitos momentos do processo de análise temos que permanecer em aspectos multifacetados, nas dijunções para chegarmos à conjunção. Jung (1984), quando questionado acerca da importância do estudo das humanidades (filosofia, história, arte) para compreender os indivíduos, diz de forma contundente que a psicologia do homem não se reduz ao estudo do comportamento e do instinto. Afirmando ainda, ser necessário conhecer os fatores históricos determinantes da qualidade da psique, ou seja uma psique que não está separada da alma do mundo.

A psicologia para Jung (2011) é a ciência responsável por revelar a lógica da alma, ele afirma ser essa uma “ciência mediadora” que se propõe compreender “a idéia e a coisa” (sujeito e objeto) sem violentar nenhuma delas. Ressaltando em sua abordagem que o método da psicologia analítica é pedagógico, de auto-educação e auto-aperfeiçoamento. Onde só o sujeito que se transforma pode transformar o mundo. Ele afirma:

“O que no passado era método de terapia converte-se aqui em método de auto-educação, e com isso o horizonte da nossa psicologia abre-se, repentinamente, para o imprevisível”. (Jung, 2011, Pg.71)

Partindo da proposta alquímica do que está dentro também está fora, e do que está acima também está abaixo. Procuremos uma concepção

epistemológica que abarque essa dimensão de totalidade proposta por Jung. A ideia de sistema onde estamos num campo total de interação, a de complexidade onde se pensa numa lógica não linear; onde nesse campo se busca as conexões sem simplificar e reduzir; como observador que faz parte de um todo onde o conhecimento se produz para além dos processos cognitivos e para além da mente individual, uma mente mundo. Somos parte de um processo conectivo. Como diz Ascott (1997), “Rede envolve tudo”. A ideia de Rede equivale a de anima mundi. Pressupõe que estamos todos inseridos num grande movimento de transformação, uma transformação de consciência. Esta transformação implica em estarmos entrando na mente-mundo, nossos corpos estão desenvolvendo a faculdade de ciberpercepção – que é a amplificação e enriquecimento tecnológicos de nossos poderes de cognição e percepção. Essa afirmação nos dá uma ideia de simultaneidade e nos confronta com a concepção espacial definida pela física clássica. Considerando a necessidade de uma nova concepção ou entendimento deste aspecto espaço-temporal, preferimos então a ideia de campo, sendo um todo antinômico, paradoxal.

Nas camadas mais profundas da psique, que chamamos de inconsciente, há coisas que põem em dúvida as categorias indispensáveis de nosso mundo consciente, isto é, tempo e espaço. A existência da telepatia no tempo e no espaço só pode ser negada por uma atitude que prefere ignorá-la. A percepção desvinculada do tempo e do espaço é possível exatamente em razão da constituição análoga da psique. A atemporalidade e a aespacialidade devem portanto ser inerentes à sua natureza, o que em si já basta para pôr em dúvida a temporalidade exclusiva da alma, ou se preferir, isso nos faz duvidar da aparência do tempo e do espaço. É claro que a atemporalidade e a aespacialidade não poderão jamais ser apreendidas através da nossa inteligência, de forma que devemos nos contentar com o conceito aproximativo. Sabemos, porém, que existe uma porta que se abre a uma ordem de coisas totalmente diversa da que encontramos em nosso mundo empírico da consciência.” (Jung, apud Von Franz, 1990: 172)

A ideia de campo é interessante para a psicologia pois teríamos então um núcleo arquetípico gerando uma força atratora, ou seja, um centro indutor, que formaria um complexo de energia. Assim, os complexos podem ser

considerados como campos atratores numa rede associativa de forças invisíveis e também perceptíveis.

Essa hipótese pressupõe, no mínimo, uma interação entre os fenômenos físicos e psíquicos. Para Jung (1984), teríamos então uma psique que toca a matéria em qualquer ponto e, inversamente, uma matéria com uma psique latente. Estando encerradas em um só e mesmo mundo, em permanente contato entre si, psique e matéria estão fundamentadas em fatores que são irrepresentáveis. É exatamente no conceito de fator psicóide que encontramos elementos para essa consideração, como já comentamos anteriormente.

No dizer de Murray Stein (2003), a análise junguiana, como um método de investigação, descoberta e cura, faz referência a um conto de Borges onde um xamã Asteca, preso por seu inimigo espanhol, estuda os padrões das costas do jaguar para descobrir a escrita de Deus e conseguir se libertar e libertar o seu povo. Somos como esse xamã que estudamos os sinais do inconsciente quando a luz brilha no temenos que é a nossa cela analítica, observando o irracional, o surpreendente, as ligações escondidas que se infiltram nas nossas vidas e nos conectam com tudo o que existe. “É uma reflexão encorajadora do roteiro de Deus, o qual se torna manifesto na medida em que prestamos atenção com profundidade à nossa subjetividade. A realização da mensagem inscrita nas nossas almas cura a nossa unilateralidade e nossas doenças neuróticas. O final é a reverência e nossos lábios estão selados em silêncio”.

REFERÊNCIAS

- Ascott, Roy. Cultivando o Hipercórtex. In Domingues, Diana. A Arte no Século XXI. São Paulo: UNESP, 1997.
- Bachelard, Gaston- A Epistemologia- Edições 70- Lisboa- 1971
- Beebe, J- Can there be a science of the symbolic? Journal of Analytical Psychology 2004,49, 177-191
- Corbin, H. Mundus Imaginalis, o imaginário e o imaginal. Março, 1964. linkspider.co.uk/Society/Philosophy/Philosophers/Corbin,Henry/index.shtml
- Couto, Mia. Entrevista Revista Isto É - dia 21/06/2017
- Hillman, J. Psicologia Alquímica, Petrópolis: Vozes. 2011.
- Jung, C.G.- Vol. V - Símbolos da TransforEd.Vozes- 1986-par. 685
- _____. Vol XVI/2- Ab -reação, análise dos sonhos, Transferência- Ed Vozes-1987-par. 487 a 492
- _____. A dinâmica do inconsciente. Petrópolis. Vozes,1984.
- Jung, C.G- A natureza da psique. Petrópolis. Vozes,1984.

- _____ Livro Vermelho. Petrópolis. Vozes, 2010.
- _____ A Prática da Psicoterapia. Petrópolis. Vozes, 2010.
- McClintock, Bárbara. Acessado em <https://pt.wikipedia.org>, dia 25 de julho de 2017.
- Morin, Edgard. A educação e a complexidade do SER e do Saber- Vozes, 1995
- Penna, Eloísa. Epistemologia e Método na obra de C.G. Educ- Fapesp. 2013.
- Santos, Boaventura De Sousa- A crítica da razão indolente- Cortez Editora, 2011
- Schwartz-Salant,N- The Mystery of Human Relationship- Routledge- NY, London- 1998
- Safranski, Rüdiger. Heidegger- Um mestre da Alemanha entre o bem o e mal. São Paulo: Geração Editorial, 2000
- Stein,Murray. Jungian analysis and spirituality. In Desafios da prática: o paciente e o continente. Anais do III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana. Salvador, 2003. São Paulo: Lector Editora, 2004.
- Von Franz, ML- Os sonhos e a morte, São Paulo- Cultrix, 1990.